Dia 5 — São Lourenço Justiniano, Bispo e Confessor

Martirológio Romano

São Lourenço Justiniano, primeiro patriarca de Veneza; o qual, com sua virtude e com a glória de fazer milagres, ilustrou a sede pontifical, à qual foi promovido, contra sua vontade, neste dia. Sua gloriosa morte celebra-se no dia 8 de janeiro. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Victorino, bispo e mártir, em Roma, num arrabalde; o qual, sendo esclarecido em santidade e milagres, por aclamação do povo foi eleito bispo de Amiterno; depois, no império de Trajano, foi desterrado com outros servos de Deus (os santos Domitila, Eutiques e Marão) a Contigliano, onde há mananciais de água quente e sulfúrea; e ali, por mandado do juiz Aureliano, o penduraram de cabeça para baixo (isto é, metido de cabeça nas águas sulfúreas): três dias inteiros sofreu este tormento pelo nome de Jesus Cristo, ao cabo coroado por sua constância passou ao prêmio de sua vitória: os Cristãos tiraram seu corpo dali e em Amiterno lhe deram honrosa sepultura.

O martírio de São Herculano, mártir, em Porto, junto a Roma. (Era soldado romano e morreu despedaçado pelas feras em Óstia no ano 232.)

Os santos mártires Quíncio, Arôncio e Donato, em Cápua.

São Rômulo, mordomo de Trajano, no mesmo dia; o qual, como mostrasse horror à crueldade do Imperador contra os Cristãos, foi açoitado com varas e degolado.

O martírio dos santos soldados Eudóxio, Zenão, Macário e outros mil cento e quatro companheiros, em Melitene, na Armênia; os quais, abandonando a milícia, foram martirizados por confessar Jesus Cristo na perseguição de Diocleciano.

Os santos mártires Urbano, Teodoro, Menedemo e setenta e sete companheiros eclesiásticos, em Constantinopla; os quais, por confessar a fé católica, por ordem do imperador Valente, foram metidos num barco e queimados em alto-mar.

São Bertino, abade, numa aldeia de Térouanne, no mosteiro de Sithiu. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Obdúlia, virgem, em Toledo. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Lourenço Justiniano, Bispo e Confessor

São Lourenço Justiniano, cuja memória celebra hoje a santa Igreja, foi da ilustre casa dos Justiniani, tão conhecida em Veneza, em Gênova, no reino de Nápoles, na ilha de Córsega e na de Quios. Nasceu em Veneza no dia 1º de julho do ano de 1381, sendo seus pais Bernardo Justiniani e Quirina, senhora muito mais respeitada por sua virtude que pelo esplendor de seu sangue. Saiu Lourenço ao mundo com tão belo natural, com inclinações tão nobres e tão cristãs que o grande cuidado de seus pais em dar-lhe a melhor educação só serviu para que se descobrisse mais de perto a nobreza de seu gênio e as excelentes prendas de seu grande coração. Sua mãe ficou viúva sendo ainda muito jovem e dedicou toda a sua aplicação a criar bem Lourenço. Considerando um dia a modéstia, a circunspecção, o extraordinário juízo que o terno menino mostrava em tudo, acompanhado tudo de certa grandeza de alma pouco correspondente à sua idade, ofereceu-se-lhe se acaso seria efeito de alguma soberba oculta, secreto orgulho e própria satisfação. Declarou a Lourenço estes temores, e o santo menino lhe respondeu, sorrindo-se: «Não temais, mãe e senhora, não tenho outra ambição que a de ser cada dia maior servo de Deus e mais devoto que todos os meus irmãos.»

Logo verificou seu proceder esta espécie de profecia, pois não houve menino que menos o fosse, nem menos o parecesse. Foi sua primeira juventude como um prodígio de inocência e um milagre de virtudes. No meio de uma multidão de jovens viciosos, divertidos e dissolutos; num século em que a corrupção dos costumes parecia ter inundado toda a terra; este cavalheirinho jovem, rico, bem disposto, cheio de espírito e de fogo, na idade de dezoito a vinte anos foi perfeito modelo de todas as virtudes e a admiração de toda Veneza.

Alma tão privilegiada não estava destinada para o mundo, havendo-a formado o Senhor para ornamento do estado regular e para glória do eclesiástico. Ainda que vivia no mundo como o mais perfeito religioso, suspirava sem cessar pelo retiro do claustro, fazendo-se-lhe intoleráveis as mais inocentes conversações pelo amor que tinha à oração, à solidão e ao recolhimento. Acompanhava sempre ao fervor do espírito a mortificação da carne, e aplicava todas as suas boas obras, exercícios e penitências para que o Senhor lhe desse a conhecer o estado em que era sua vontade que o servisse; pois não reconhecia outra regra para governar todas as suas operações. Tardou pouco em resolver-se; porque, achando-se um dia em oração aos pés de um Crucifixo e na presença de uma imagem da santíssima Virgem, sentiu seu coração todo aceso num gênero de desacostumado fervor; e, renunciando desde então generosamente todas as tentadoras esperanças com que o mundo o lisonjeava e todas as conveniências de sua ilustre casa, resolveu viver de agora em diante só para Deus, sem reconhecer jamais outro amo nem outro dono. Acabada sua oração, foi direito ao convento dos cônegos regulares de São Jorge de Alga, ilha que forma o golfo como a meia légua da cidade; pediu com instância ser recebido no número deles e,

como advogavam por ele sua nobreza, sua virtude e todas as suas belas prendas, logrou desde logo o que pretendia.

Não só não teve que mudar de vida com a mudança de estado, mas foi preciso moderar na religião seu fervor e pôr tasa ao rigor de suas penitências. Nomeou-se-lhe por mestre de noviços seu tio materno Martinho Quirino, homem de santa vida; mas este muito logo confessou com ingenuidade que seu noviço estava muito mais adiantado nos caminhos de Deus que seu mestre e diretor. Contava à sazão somente dezenove anos; e, não obstante, eram tão extraordinários seus progressos na virtude e na ciência dos Santos que já desde então era modelo de perfeição a todos os religiosos. Desde o primeiro dia de seu noviciado prescreveu-se certas devoções que jamais omitiu depois em todos os dias de sua vida. Suas abstinências e seus jejuns foram muito rigorosos e contínuos, suas vigílias excessivas. Ficava na igreja desde as matinas até a prima e jamais se encostava à lareira, por violento e cruel que fosse o frio, ainda que era de um temperamento extraordinariamente delicado, débil e sensível. Impôs-se uma lei de não beber jamais fora das refeições, ainda que se abrasasse de sede e de calor. Intimaram-lhe alguns padres anciãos, em nome de todo o capítulo, que moderasse seus rigores: «Está bem, respondeu o Santo, eu obedecerei, mas já cuidará Deus de recompensar-me por outra parte de vossa demasiada indulgência.» Efetivamente, poucos dias depois cobriu-se de escrófulas; puseram-no em cura, aplicaram-lhe o ferro e o fogo muitas vezes; atormentaram-no horrivelmente, dando igual exercício à sua paciência que à admiração de quantos eram testemunhas de seu invencível sofrimento; pois não deu outro sinal de suas vivíssimas dores que pronunciar os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria. E ainda assim, como que se envergonhava e se repreendia de seu pouco valor, comparando o que padecia com os tormentos dos santos Mártires, que tantas vezes sofreram o das chapas acesas.

Era a humildade sua virtude favorecida, e assim nada desejava com maior ânsia que passar toda a vida num estado humilde, obscuro e abatido; mas neste particular os superiores não condescenderam com sua inclinação nem deram ouvidos à sua repugnância. Obrigaram-no a receber as sagradas ordens e elevaram-no aos primeiros empregos da Religião. Concorriam em tropas os fiéis a ouvi-lo celebrar o santo sacrifício da missa pela devoção com que se punha no altar; e as muitas lágrimas que derramava compungiam os assistentes, avivando neles as luzes da fé. Sem atender à sua curta idade nem aos poucos anos que tinha de religião, fizeram-no superior, obrigando-o a ocupar os primeiros postos, que desempenhou sempre com dignidade e acerto. Pelos sábios e prudentes estatutos que formou quando o elegeram geral, é reputado pelo verdadeiro fundador da congregação de São Jorge. Segunda vez o fizeram geral de toda a Ordem, quando o papa Eugênio IV, plenamente informado do extraordinário mérito e da eminente virtude do servo de Deus, o fez bispo de Veneza no ano de 1433. Por mais que resistiu, foi-lhe forçoso obedecer e consagrar-se, velando na igreja e passando em oração toda a noite que precedeu ao dia de sua consagração.

Achando-se já bispo, nem por isso alterou em nada a religiosa vida que havia observado entre os cônegos regulares de São Jorge. Sem cercear um ponto sua oração, aumentou as vigílias, para ter mais tempo durante o dia para dedicá-lo aos negócios e às necessidades de seu rebanho; e, por mais que procurava dissimular suas mortificações e suas abstinências, foi-lhe impossível ocultar à notícia do público uma parte de suas mais secretas austeridades. Mas onde mais resplandeceu sua

modéstia e sua cristã simplicidade foi no arranjo de sua família e na frugalidade de sua mesa. Ainda que se via elevado a uma das maiores sedes episcopais da Igreja, não governou seu trem e seu equipamento por outras regras que pelas de sua virtude e sua humildade. Dizia que todo o esplendor de sua dignidade se devia derivar da virtude; queria que os pobres entrassem sempre na parte de suas rendas e que, por assim dizer, fossem contados no número de seus familiares e de seus domésticos.

A dureza com que em todo tempo tratava seu inocente corpo nunca diminuiu nem sua afabilidade nem a inalterável doçura com que recebia a todo o mundo; ganhando tanto o coração de todos que isto mesmo lhe facilitou a reforma de seu clero; pois, ao ver seu admirável desinteresse e movido de seus grandes exemplos, sujeitou-se a tudo o que quis e admitiu quanto lhe prescreveu para restituir a disciplina a seu antigo vigor. Muitas vezes a reforma dos costumes se antecipava a seus editos. Amavam e estimavam tanto as ovelhas o Pastor que nenhuma se atrevia a descarriar-se do aprisco; ouvindo todas sua voz com tanta docilidade e com tanto respeito que, à primeira visita, mudou de semblante todo o bispado. Ultrajaram-no certos homens dissolutos e atrevidos com algumas sátiras mordazes e picantes; mas o santo Bispo não se valeu de outros meios para convertê-los que de sua paciência e sua moderação. Não houve impiedade tão orgulhosa nem tão fera que pudesse resistir à sua virtude, desarmando sua mansidão os mais insolentes, cuja conversão se considerou como um de seus maiores milagres. Muitos obrou sua extraordinária caridade com os pobres. Sucedeu não poucas vezes que, depois de consumido e despendido todo o dinheiro por assisti-los em suas necessidades, achou-se socorrido por Deus por caminhos imprevistos e não esperados. Um parente seu lhe pediu algum socorro para casar uma filha sua como correspondia à sua qualidade, e o santo Bispo, surdo sempre às vozes da carne e do sangue, respondeu-lhe que, se lhe desse uma quantia curta, de nada lhe serviria; e, se lha desse maior, cometeria um furto tirando seus bens aos pobres.

Nunca se compreendeu melhor o muito bem que pode fazer um santo bispo em sua diocese que no pontificado de nosso Santo. Suas rendas eram curtas, mas era grande seu zelo. Sustentava uma multidão de pobres que, ao que parece, bastavam para empobrecê-lo a ele; sendo muito rara a família necessitada a quem não socorresse com alguma esmola. Não só aumentou o número dos cônegos de sua catedral, fundando algumas prebendas para que se celebrassem os ofícios divinos com maior dignidade, mas fundou também muitas igrejas colegiadas em muitos lugares de seu bispado, onde até então apenas havia um sacerdote. Igualmente fundou ele só quinze comunidades religiosas, provendo-as de tudo o necessário; e reformou assim a profanidade dos trajes como a corrupção dos costumes em todo o seu bispado.

O papa Nicolau V fazia muito alto apreço de sua virtude, olhando-o com a maior veneração, e desejava colocar aquela grande tocha em posto mais elevado, de onde seu brilhante resplendor pudesse difundir-se mais na Igreja, quando sucedeu a morte de Domingos Michieli, patriarca de Grado, no ano de 1451. E, bem persuadido de que nem o senado nem a cidade de Veneza consentiriam nunca em que se lhes privasse de seu santo Prelado, resolveu trasladar o patriarcado de Grado à sede episcopal de Veneza, precisamente em consideração a nosso Santo. Custou muita dificuldade fazê-lo aceitar esta nova dignidade, e foi necessária toda a autoridade do Papa para vencer sua repugnância, pelo muito que sobressaía à sua humildade qualquer coisa que cheirasse a lustre, aparato e esplendor. Não se diminuiu seu fervor com o peso dos anos. Todos os dias

celebrava o santo sacrifício da missa com nova devoção, crescendo cada dia seu amor a Jesus Cristo e sua ternura à santíssima Virgem, pelo que cada dia o Senhor o cumulava também de novos favores. Certo santo ermitão que havia mais de trinta anos vivia na ilha de Corfu com grande opinião de santidade assegurou a um nobre veneziano que Deus estava extremamente irritado contra a cidade de Veneza, a qual já houvera experimentado os terríveis efeitos de sua cólera se não a houvessem desarmado as orações do santo Patriarca.

Havia tempo que se iam sensivelmente debilitando suas forças, sem ser possível reduzi-lo nunca a que moderasse algo seus apostólicos trabalhos, suas mortificações e sua abstinência, quando, dizendo missa um dia de Natal, sentiu-se extraordinariamente aceso num vivíssimo desejo de gozar de Deus e de vê-lo face a face. Ao sair do altar assaltou-o a febre e em poucos dias o reduziu ao último perigo. Sempre havia dormido sobre a dura terra, e não se pôde conseguir dele que melhorasse de cama na última enfermidade. «Jesus Cristo morreu numa cruz, dizia o Santo aos que o apuravam sobre isto, e quereis que um pecador como eu morra numa branda cama?» Davam-lhe muita pena os desvelos e a solicitude dos que o assistiam por procurar-lhe algum alívio, e não foi possível vencê-lo a que admitisse o mais mínimo, nem sequer se pôde persuadi-lo a que interrompesse sua abstinência. Enfim, havendo recebido os santos Sacramentos e depois de haver consolado seus familiares, que se desfaziam em lágrimas, dizendo-lhes que não deviam celebrar com pranto o dia mais alegre de sua vida, entregou tranquilamente seu espírito ao Senhor no dia 8 de janeiro do ano 1455, aos sessenta e três anos e meio de sua idade, cheio de dias e de merecimentos, dotado do dom de profecia e dos milagres, que continuaram depois de sua morte. Todos convêm em que as obras que deixou ao público estão mais cheias de sólida piedade que de afetada erudição, sendo difícil lê-las sem que a alma se sinta movida à devoção que respiram.

Foi preciso deixar exposto o santo corpo por muitos dias à veneração dos povos que concorreram de todas as partes logo que se estendeu a notícia de sua morte. Suscitou-se uma disputa sobre o lugar de sua sepultura entre o cabido da catedral e os cônegos regulares de São Jorge, por cujo motivo o cadáver esteve descoberto por espaço de sessenta e sete dias na sacristia da igreja patriarcal, sem que ao cabo de tão longo tempo se experimentasse nem o mais mínimo sinal de corrupção. Fez o Senhor glorioso seu sepulcro com grande número de milagres; pelos quais, e pela santidade de sua vida, moveu-se a beatificá-lo o papa Clemente VIII, precedendo as formalidades necessárias; e o papa Alexandre VIII o canonizou solenemente no ano de 1690, fixando-se sua festa, por ordem da Santa Sé, no dia 5 de setembro, que talvez seria o da trasladação de suas relíquias.

Santa Obdúlia

Neste dia o Martirológio Romano faz comemoração de Santa Obdúlia, da qual escreve o Pe. Quintana Dueñas em seu *Santoral Toledano* que, ainda que se ignoraram os pais, nascimento, educação e ações desta gloriosa Virgem e o gênero de martírio que padeceu na cruel perseguição que suscitou contra a Igreja o ímpio Juliano, o Apóstata, consta haver-se celebrado na igreja de Toledo com especial solenidade, segundo se acredita pelos antigos Missais e Breviários daquela santa Igreja, cuja proteção, com a de outros Santos tutelares da mesma cidade, foi invocada pelo

rei Afonso VI na conquista de Toledo, onde se conservaram suas relíquias em grande veneração até a irrupção dos árabes; na qual, temerosos os fiéis de que caíssem em mãos dos bárbaros, as trasladaram a Palma, fortaleza da Andaluzia, de grande segurança para a custódia de semelhante tesouro. Ali permaneceram até o ano de 878, em que D. João Ocense, arcebispo de Toledo, querendo enriquecer sua Igreja com as relíquias da ilustre Mártir, as voltou a ela no dia 5 de setembro do ano insinuado, em que dela faz menção o Martirológio Romano.

O mesmo escritor adverte ser distinta esta heroína espanhola de outra Santa Obdúlia que os Martirológios assinalam no dia 13 de dezembro, virgem e não mártir; a qual, havendo nascido cega, recuperou a vista no tempo em que recebeu o Batismo da mão de Eberardo, bispo da Baviera; que é a que celebram religiosa beneditina os cronistas desta religião, natural da província da Alsácia, filha de Ático, duque da Suábia, a qual foi abadessa do mosteiro que edificou seu pai no monte Bosco; e morreu pelos anos de 692.

São Bertino, Abade de Sithiu

Pelo fim do século sétimo e pelo princípio do oitavo deu o Senhor ao mundo cristão um exemplo de perfeito desprendimento e um excelente modelo da perfeição religiosa na pessoa de São Bertino. Era parente próximo de Santo Omer e, por conseguinte, sua família uma das mais nobres e mais poderosas do país. Nasceu em Goldenthal, pátria de Santo Omer, ou ao menos no território de Constança, no alto Reno, que separa o país dos suíços da Suábia. Fruto foi da cristã educação que lhe deram e, sobretudo, da graça sobreabundante com que o previniu Deus desde a infância aquela antecipada virtude que se deixou admirar no menino Bertino desde seus primeiros anos.

O esplendor de seu nascimento, a opulência de sua casa, seu grande espírito e as demais belas prendas de que estava dotado, tudo concorria para prometer-lhe as maiores esperanças, abrindo-lhe uma carreira toda coberta de flores. Apresentava-lhe o mundo a mãos cheias o mais lisonjeiro e o mais tentador que possui nisto que se chama fortuna; não havia posto tão elevado nem emprego tão distinto a que não pudesse aspirar racionalmente. Conspirava tudo a brindá-lo com as conveniências e com as mais requintadas doçuras da vida numa idade em que a aparência só das honras deslumbra e a esperança dos prazeres encanta. Mas todos estes lisonjeiros atrativos fizeram pouca impressão no menino Bertino. O gosto que tomava à oração e aos livros devotos, as vidas dos Santos que lia frequentemente, sua contínua meditação nas verdades eternas da Religião e a terna devoção à santíssima Virgem: tudo isto lhe inspirava desgosto e tédio a quanto soava a fortuna, elevação e brilhantismo, comunicando-lhe uma grande inclinação, um singular amor ao recolhimento, à solidão e ao retiro. Moveu-o muito o exemplo que acabava de dar-lhe seu ilustre parente Santo Omer, o qual, prevenido com a mesma graça que Bertino, havia abandonado tudo para seguir Jesus Cristo e fora encerrar-se no célebre mosteiro de Luxeuil, no condado da Borgonha. Havia tempo que nosso Santo andava também meditando voltar as costas ao mundo, e assim lhe pareceu que já não devia deter-se mais a deliberar; pelo que, resolvido a imitar o mesmo exemplo e tomar o mesmo partido, visto que para isso o solicitava também a mesma graça, sem dar ouvidos às vozes da carne e do sangue, determinou-se enfim a segui-lo. Tinha dois estreitos amigos, chamados Momolino e Ebertram, que haviam contraído com ele a mais fina amizade,

unindo a todos três a conformidade de gênios e de inclinações, os quais, mal entenderam sua resolução, quiseram também acompanhá-lo em seu retiro. Partiram os três a Luxeuil, onde foram ternamente recebidos pelo abade São Walberto, que à sazão o era daquela célebre e santa comunidade depois da morte de Santo Eustásio, sucessor de São Columbano, seu primeiro fundador, e que tanto a havia ilustrado com sua santidade e com seus milagres.

Viviam naquele santo mosteiro, menos como homens que como Anjos, mais de quinhentos monges, cujo fervor cresceu visivelmente com o dos três noviços. Santo Omer, que havia alguns anos se achava no mosteiro, sobressaía muito no exercício de todas as virtudes. Este foi o modelo que Bertino se propôs a si mesmo para a imitação; e, ainda que o original sobressaía tanto nas virtudes monásticas, logo lhe competiu a cópia. Desde logo se deixou admirar sua modéstia, sua humildade, sua mortificação, sua piedade e seu frequente trato com Deus na oração. Mal os mais anciãos podiam compreender o mesmo que estavam vendo: isto é, como um jovem ilustre, dotado de tão nobres prendas e na flor de sua idade, havia chegado quase ao mais alto da perfeição dois meses depois que havia deixado o mundo. Verdade é que poupou muito caminho seu recolhimento interior, sua exata observância até das regras mais miúdas e os rigores de sua assombrosa penitência; de maneira que toda aquela numerosa comunidade de Luxeuil não teve a menor dúvida de que com o tempo o noviço seria um dos maiores Santos que ilustrassem o mosteiro.

Acabado o tempo da provação e noviciado, fez Bertino a profissão juntamente com seus companheiros; e, considerando o superior os méritos de todos três e os grandes serviços que podiam fazer à Igreja, obrigou-os a ordenar-se sacerdotes depois de haverem recebido as demais ordens sagradas. Com o sacerdócio adquiriram novo realce as virtudes de São Bertino, e pela disposição com que recebeu as sagradas ordens mereceu aquela abundância de graças e de dons sobrenaturais que acompanham o sagrado caráter quando se recebe dignamente. Bertino parecia no altar um abrasado serafim; tanto se manifestava para fora, em divinos ardores e em doces copiosas lágrimas, o aceso amor de Deus que inflamava seu coração. Havia sido promovido Santo Omer ao bispado de Térouanne, cidade dos Países Baixos, no condado de Artois, e trabalhava com felicíssimo sucesso em desbravar aquele inculto campo, que depois de muito tempo estava coberto de mato; e, sabedor o abade de Luxeuil de que o santo Bispo tinha necessidade de obreiros que o ajudassem a trabalhar na vinha do Senhor, pareceu-lhe que não os podia encontrar mais a propósito que São Bertino, Momolino e Ebertram, os quais respeitavam Bertino como a seu mestre na perfeição religiosa. Partiram juntos com a bênção do abade, deixando toda a comunidade muito desconsolada porque perdia de vista aqueles três grandes modelos. Recebeu-os Santo Omer com o gozo que costumam os Santos, sendo sempre a virtude seu verdadeiro princípio; e, mal lhes destinou sua missão, aplicaram-se à instrução dos povos com um zelo que não podia deixar de merecer as bênçãos de Deus.

Havendo-se encontrado com um campo que quase havia um século estava inteiramente abandonado e que ainda desde os princípios não havia tido mais que um cultivo superficial, tiveram que padecer muitas fadigas, trabalhos e contradições num empenho tão árduo como era o desarraigar a um mesmo tempo a idolatria e os vícios que reinavam no país e civilizar os costumes daqueles povos ainda bárbaros e ferozes na maior parte.

Muito em breve os três varões apostólicos, tão poderosos em obras como em palavras, recolheram uma abundante messe; e, lançando Deus a bênção a seus zelosos trabalhos, todo o país mudou de costumes e de semblante, mudando de religião. Não encontrando já nosso Santo estorvo algum que pudesse conter seu fervor, soltou as rédeas a seu zelo; mas sem que as apostólicas fadigas o dispensassem de suas acostumadas penitências, sendo a moção de suas palavras efeitos de sua terna devoção. Seus exemplos persuadiam tanto como seus sermões, e ganhava os corações de todos com aquela sua doce mansidão, que, a exemplo de Jesus Cristo, fazia em parte seu caráter.

Assim cultivava São Bertino, com seus dois companheiros, aquele silvestre terreno, que já começava a dar tão copiosos frutos, quando um senhor do país chamado Adroaldo, movido das maravilhas que obravam os apostólicos varões sob a direção de Santo Omer e em reconhecimento da graça de sua própria conversão, veio oferecer generosamente ao santo Prelado o território de Sithiu com todas as suas pertenças, para que usasse dele como julgasse mais conveniente à maior glória de Deus e proveito dos povos. Vendo Santo Omer tanta multidão de conversões como se faziam cada dia, parecendo-lhe muito necessário algum retiro onde se pudessem refugiar os que desejassem servir a Deus desviados do comércio e do alvoroço do mundo, consentiu em que se fundasse naquele sítio um mosteiro para São Bertino e seus dois companheiros e para que se recolhessem a ele os que se achassem movidos a viver em solidão. E esta foi a origem da célebre abadia de Sithiu, que por longo tempo foi no Artois um seminário de Santos, como o foi na Borgonha a abadia de Luxeuil. Fundou-se logo o mosteiro; e, mal se viu erigido, viu-se povoado. O primeiro pensamento do santo Bispo foi que desde logo o governasse São Bertino; mas o Santo, a quem sobressaltava a sombra só de prelatura, soube alegar-lhe tantas razões que por fim Santo Omer consentiu em que Momolino governasse o mosteiro.

Muito em breve se fez célebre em todo o país, renovando-se nele aqueles grandes exemplos de mortificação e de santidade que tanto se admiraram nos mosteiros antigos mais celebrados. Era a oração contínua, o coro perpétuo, a abstinência e os mais rígidos jejuns as primeiras regras do Instituto. Não obstante ter o mosteiro boas rendas, a comida ordinária dos monges eram raízes, pão e água; o demais repartia-se entre os pobres. Nunca se evacuava o coro nem de dia nem de noite, porque a todas as horas se cantavam nele os divinos louvores, nem os mais penosos trabalhos dispensavam jamais nestas santas vigílias.

Havendo morrido no ano de 639 Santo Elói, bispo de Noyon e de Tournai, foi nomeado o abade Momolino por sucessor seu, e em seu lugar entrou São Bertino a ser abade do mosteiro, sem que lhe valessem suas razões nem suas lágrimas. Durante o governo de nosso Santo foi em rigor quando o mosteiro de Sithiu se fez um dos mais célebres do reino; pois, mal se estendeu a fama de que era abade São Bertino, de todas as partes concorreram pretendentes a pôr-se debaixo de sua direção. Cresceu tanto o número dos monges que, sendo já estreito o novo mosteiro, foi preciso fundar outro mais espaçoso para contê-los: e, havendo obtido de Santo Omer a igreja de Nossa Senhora que ele mesmo havia fundado a alguma distância do mosteiro, fez construir novos quartos no mesmo território de Sithiu, perto desta igreja, e trasladou a eles os monges do convento velho, que todo ele se reduzia a algumas más celinhas; e este novo mosteiro se dedicou com o nome da santíssima Virgem e com o de São Pedro.

Crescendo cada dia a reputação de nosso Santo, acudiram ao mosteiro de Sithiu os senhores mais qualificados para passar o resto da vida em exercícios de penitência e de virtude sob seu magistério e disciplina. Subiu tanto seu número que, não sendo tampouco já bastante o novo mosteiro, foi preciso pensar em fundar outro terceiro mais capaz, como efetivamente o fundou o Santo no castelo de Wormhout, que liberalmente lhe ofereceu um senhor chamado Hermar, e o santo Abade o pôs sob a proteção de São Martinho, que foi também o titular da igreja.

São Bertino acompanhava suas exortações com seus exemplos e teve o consolo de ver copiar aquele grande número de monges no deserto de Sithiu os grandes modelos de penitência, de observância e de rigor que se criam encerrados para sempre nos desertos da Palestina. Sentindo-se muito decaído de forças corporais e totalmente oprimido ao peso de seus rigores e de sua extrema velhice, quis absolutamente renunciar à prelatura para ter o consolo de viver e morrer com dependência e com subordinação. Renunciou-a com efeito em mãos de seu querido discípulo Rigoberto, dedicando-se a só Deus em sua vida privada, para o que se retirou a uma ermida consagrada à santíssima Virgem, perto do cemitério dos monges, onde passava em oração os dias e as noites.

O conde Walberto havia entregue toda a sua confiança a nosso Santo, e nenhum ano deixava de visitar muitas vezes a igreja do mosteiro para confessar-se e comungar e cumprir com suas devoções. Acabando um dia de comungar, recebeu uma carta que o apertava a que voltasse logo à sua casa e, com a pressa, partiu sem tomar a bênção do Santo como o costumava. Admirado um monge chamado Dodo da precipitada viagem do Conde, significou sua estranheza a São Bertino, o qual lhe respondeu arrancando um profundo suspiro: «Ai, Deus! Já o Senhor o castigou, e bastante severamente.» Mal acabou de pronunciar estas palavras o servo de Deus, chegou um criado do Conde e, lançando-se a seus pés, rogou-lhe que se compadecesse de seu amo, o qual havia caído do cavalo e estava meio morto, moído todo o corpo e já quase expirando. Mandou Bertino que lhe trouxessem um pouco de vinho, que também apareceu ali milagrosamente; e, lançando-lhe a bênção, enviou-se ao enfermo, o qual, mal o provou, ficou inteiramente são, e ele mesmo veio pedir ao Santo a bênção juntamente com o perdão de sua falta.

Passou São Bertino o resto de seus dias em contemplação, sujeitando-se por outra parte, como poderia um noviço, a todos os exercícios da observância regular; e, enfim, depois de haver vivido alguns anos sem outro pensamento que o de preparar-se para a morte, logrou-a feliz no dia 5 de setembro do ano 709, aos noventa e seis de sua idade, ou, segundo alguns, aos cento e doze. Foi enterrado na igreja de São Martinho, onde manifestou Deus sua santidade com grande número de milagres. No ano de 846, temendo Fulquino, bispo de Térouanne, que furtassem este tesouro, escondeu-o, e não foi descoberto até duzentos e quatro anos depois. Colocaram-se suas relíquias numa urna de prata guarnecida de ouro e pedras preciosas, na qual se conservam expostas à veneração dos fiéis.

A Trasladação de São Juliano, Bispo de Cuenca

Neste dia, por concessão do papa Júlio III, a santa igreja de Cuenca renova a memória de seu glorioso bispo São Juliano, cuja vida se lê entre as do dia 28 de janeiro, em que o Martirológio Romano faz comemoração de nosso Santo; solenizando a magnífica trasladação de suas milagrosas relíquias, que se fez com ostentoso e devotíssimo aparato em 11 de abril de 1518, competindo a multidão dos milagres com a piedade e com a pompa dos regozijos, pois houve dia em que se contaram catorze, e todos legalmente autenticados. Toda a Igreja da Espanha repete também neste dia a comemoração de nosso São Juliano.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Lourenço Justiniano, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Laurentii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que na venerável solenidade do bem-aventurado São Lourenço Justiniano, vosso confessor e pontífice, cresça em nós o espírito da piedade e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios (o impresso diz «capítulo 11»).

1 Coríntios 2,1-5

> **Latim:** [1] Et ego, cum venissem ad vos, fratres, veni non in sublimitate sermonis, aut sapientiæ, annuntians vobis testimonium Christi. [2] Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum, et hunc crucifixum. [3] Et ego in

> infirmitate, et timore, et tremore multo fui apud vos : [4] et sermo meus, et prædicatio mea non in persuasibilibus humanæ sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritus et virtutis : [5] ut fides vestra non sit in sapientia hominum, sed in virtute Dei.

Português: [1] EU, quando fui ter comvosco, irmãos, fui não com sublimidade de estilo, ou de sabedoria, a annunciar-vos o testemunho de Christo. [2] Porque julguei não saber cousa alguma entre vós, senão a Jesu Christo, e este crucificado. [3] E eu estive entre vós em fraqueza, e temor, e grande tremor: [4] tanto a minha conversação, como a minha pregação não consistiu em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração de espirito, e de virtude: [5] para que a vossa fé não se funde em sabedoria de homens, mas na virtude de Deos.

Reflexões

Não vim a vós com sublimidade de palavras. Que escândalo! Que monstruosa contradição a dos ministros do Evangelho, se em seus afetados sermões buscam seus aplausos ao mesmo tempo que estão pregando as humilhações, os abatimentos de todo um Deus! Então, em lugar de espantar, de aterrar, a divina palavra, à maneira de um raio fulminado, não faz mais que luzir e brilhar débil e rapidamente, à moda de exalação ou de relâmpago, divertindo os ouvintes tranquilos e sossegados. Isto é o que o mesmo Apóstolo chama corromper e adulterar a palavra de Deus: *adulterantes verbum Dei.* Pois quê! A palavra de Deus necessita de artifícios nem de enfeites para persuadir? Depende sua virtude de nossa eloquência? Eram muito hábeis na arte de falar doze pobres pescadores ignorantes, idiotas e grosseiros? Em que escola haviam estudado as flores e as figuras retóricas? Pregaram estes Apóstolos, com uma admirável simplicidade, aquelas incompreensíveis verdades, aquela doutrina dura, ingrata e, por assim dizer, alvoroçadora, e a pregaram aos gregos, que se prezavam de uma sabedoria inteiramente humana, fundada toda na razão natural; pregaram estas verdades aos romanos orgulhosos, ferozes e sensuais; pregaram-na a todas as nações, as mais bárbaras; e esses gregos, esses romanos, essas nações sujeitaram sua razão, renderam sua imaginária sabedoria, todo o seu entendimento, todas as suas luzes às verdades da fé, e todo o universo se converteu. São Pedro converteu com seu primeiro sermão, em meio à mesma Jerusalém, perto de três mil pessoas; deverão-se todas estas maravilhosas conversões à elegância das vozes, aos engenhosos volteios dos oradores, ao brilhantismo dos pensamentos e à artificiosa eloquência dos pregadores? E não é este artifício puramente humano o que hoje embota a ponta das maiores verdades, debilitando toda a sua força? Mal se converte em dez anos um só pecador com uma espessa nuvem de pregadores que estão ressoando por esses púlpitos, sendo assim que se pregam as mesmas verdades: de onde nascerá tão prodigiosa esterilidade numa mesma semente? Nasce de que muitas vezes lhe tira toda a sua virtude o artifício com que se a prepara. Já não se prega a palavra de Deus, mas uma palavra puramente humana; pois de que nos admiramos, ou que maravilha é que produza tão pouco fruto? Ditoso aquele que só aprecia não saber mais que Cristo crucificado. E terão esta divina sabedoria as pessoas imortificadas, as sensuais, aqueles idólatras das diversões e dos passatempos? Ah, e

quantas verdades nos descobre a vista só de um Crucifixo! Nele vejo um prodígio de amor, um terrível exemplo de justiça, um motivo e um modelo de penitência muito persuasivos. Nele vejo até onde nos amou o bom Jesus; até onde chegou seu aborrecimento ao pecado; até onde devo eu aborrecer a culpa e até onde devo amar a Jesus. Esqueçamos todo o mais para gravar bem em nossos corações umas lições tão necessárias.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu

senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Como nos havemos de aproveitar dos talentos que Deus nos deu

Primeiro ponto

Considera, diz São Gregório, que esse senhor que fez uma viagem fora de seu país é nosso Redentor. Este divino Senhor é o que nos enriqueceu com seus dons. Que coisa boa temos que não a tenhamos recebido de sua liberalidade? Os talentos naturais, os dons da graça, o tesouro dos Sacramentos, os benefícios particulares, os bens comuns, a mesma vida; tudo quanto temos nos vem deste soberano Dono, e de sua bondade havemos de receber tudo quanto esperamos. Quem não sabe que todos os bens da natureza, todos os tesouros da graça, todas as riquezas da glória estão à sua disposição? Que afetos de amor e de respeito não devem ocupar nosso coração para com tão grande e tão amável Dono? E quanto deve ser nosso eterno agradecimento! Como nos devemos aproveitar de todos estes bens! Pode-se dizer que todos nós somos como ecônomos deste Amo divino. Confiou-nos todos os bens, todos os talentos que temos; mas no-los confiou somente para que negociássemos com eles; nenhum nos deu de que não nos haja de pedir estreita conta, nenhum que não estejamos obrigados a pôr a lucro para sua maior glória. Mas, e como nos temos aproveitado deles até aqui? Qual tem sido nosso reconhecimento? Temos considerado todas essas prendas de alma e de corpo, todos esses bens da vida e da fortuna, todas essas graças e esses auxílios sobrenaturais como puros benefícios de sua misericórdia? Não temos abusado desses bens? Que glória tirou Deus deles? Ignoramos porventura que, se abusamos deles, se os aplicamos a outros fins que àqueles a que foram destinados, se os dissipamos como o fez o infiel administrador, Deus os retirará? Já não nos concederá nem mais tempo nem mais meios para negociar; castigará nossa infidelidade e nossa negligência com todo o rigor de sua justiça e nos deixará numa desditosa pobreza que nos oprima sem recurso: *Dominus meus aufert a me villicationem.* Quantos servos inúteis há hoje no século, na Igreja e no estado religioso! Haviam recebido grandes talentos, tinham grandes bens e, por conseguinte, grandes meios para santificar-se; haviam-se-lhes dispensado graças. O mal que usaram delas, a negligência com que as cultivaram, a perda, ou ao menos a inutilidade de todos esses talentos por culpa sua, tudo são documentos que se acrescentam aos autos. Em que parará o juízo? Qual será a sentença?

Segundo ponto

Considera que, ainda que os dons e os talentos sejam diferentes, o fim sempre é um mesmo. Distribui Deus suas graças, seus favores, seus benefícios a quem quer e como quer; mas nesta diversa distribuição a diferentes sujeitos e nesta desigualdade de talentos concedidos a seus

servos, sempre tem Deus igualmente por motivo sua maior glória e a salvação daqueles a quem os concede. Quer Deus que cada um cultive e aproveite seus talentos com todo o ardor, com todo o zelo e com toda a possível aplicação. Corresponde sempre a utilidade e o produto à intenção do soberano Dono? Merecerão todos os servos que o amo os honre com elogios de sua fidelidade? Que uso se faz dos bens da natureza, da fortuna e da graça que se têm recebido? Que uso se faz das prendas de alma e corpo, dos auxílios sobrenaturais, daquelas graças que mostram especial amor e particular benevolência? Fazem-se luzir os talentos, não se sepultam os tesouros, não se enterram as boas prendas; mas aproveita-se tudo isto para o céu? Não se passa a vida em ociosidade; mas aquilo em que se emprega acreditará a todos de bons e fiéis servos? É possível que o mundo não leve os rendimentos de todos esses bens? É possível que não trabalhará pelo mundo com preferência ao fim que todos nos devemos propor na negociação com os talentos? Que conta se dará a Deus dessas belas prendas de alma, empregadas, ou melhor dizendo, perdidas e malogradas em puras bagatelas? Dessas formosas prendas do corpo, que talvez só serviram à perdição da alma? Dessas riquezas consagradas à profanidade, ao fausto, ao orgulho e ao regalo? Dessa saúde tão mal aproveitada? Pois quê! Só te havia feito Deus grande, nobre e rico para facilitar-te os meios de desagradá-lo e de ofendê-lo com maior liberdade? E essas nobres prendas de coração e de alma, esse entendimento desembaraçado, esse espírito vivo e penetrante, esse gênio superior, essa brilhantez, só ta concedeu o Senhor para que fosses mais fero, mais ambicioso, mais soberbo e talvez também mais perigoso inimigo de Deus, valendo-te talvez de teu mesmo engenho para fazer que triunfe o vício, para escusar a dissolução, para propagar o espírito do mundo e pode ser que também para derramar e sustentar o erro? Dize-me, essas ricas galas, esses troféus da mais altaneira vaidade, todas essas loucas profusões em esplêndidos banquetes, em soberbos móveis, em magníficos equipamentos; esse jogo tão desbaratado em que muitas vezes se perde numa só noite a renda de todo um ano; esses dispêndios, esses gastos ainda muito mais vergonhosos e indecentes; dize-me, repito outra vez, seria tudo isto o fim que Deus se propôs quando te deu mais bens que aos outros? De duas, uma: ou hás de dizer que nada disso o deves a Deus, o que seria uma impiedade, uma horrível blasfêmia, ou hás de confessar que tens que dar a Deus uma terrível conta de todos os benefícios espirituais e corporais que recebeste de sua mão.

Meu Deus, confesso que quanto tenho o recebi de Vós e declaro que nada quero ter que não seja dirigido à vossa maior glória. Gemo, Senhor, quando considero o mal que usei de tudo: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Tende ainda um pouco de paciência comigo, que eu vos restituirei tudo o que vos devo.

Jaculatórias

Dai-me, Senhor, um pouco mais de tempo, que eu vos prometo não empregar de agora em diante os talentos que me destes senão em servir-vos mais e mais com eles. (Mt 18.)

Bem sei, Deus meu, que tudo criastes para vossa maior glória; e assim, de hoje em diante, este será o único fim de todas as minhas ações. (Pr 16.)

Propósitos

1. Tudo o recebemos da liberal mão de Deus; não há bem nem talento que não seja dom de sua bondade; dela esperamos tudo quanto pode lisonjear nossos desejos. Nós não somos mais que administradores, ou, no máximo, uns como mordomos deste soberano Dono: sabemos que lhe havemos de dar miúda conta de tudo o que nos entregou; e, em meio a isso, quem pensa nesta conta que há de dar? Usa-se dos talentos e bens recebidos como se fossem frutos próprios nossos. As paixões, a concupiscência, os passatempos, o interesse, o amor-próprio: a isto se dirige, por comum, o uso que fazemos de todos estes bens. Quando se viu desordem mais universal nem mais estranha? Não te remorde coisa alguma a consciência neste ponto? Examina hoje em que empregaste até agora teus bens e teus talentos. Não se misturou nunca neste emprego a vaidade, a ambição nem a inclinação aos passatempos? Não creias que esta doutrina é um mero conselho de perfeição; é preceito formal e positivo que fala a todos e a todos aperta com a maior obrigação. Quanto te surpreenderás, quanto te espantarás, qual será teu assombro quando no último momento da vida te pedir o soberano Dono estreita conta de tudo o que recebeste! Trata de fazer prática uma reflexão tão importante.

2. Toma desde logo uma viva e eficaz resolução de ter sempre a Deus diante dos olhos no bom uso de todos os teus bens e talentos. Se te achas dedicado ao sagrado ministério, seja a glória de Deus, a salvação das almas e, sobretudo, a tua própria o principal motivo e como o primeiro móvel de todas as tuas funções. Se estás dentro do mundo, não uses de teus bens a outro fim. Do bom uso destes depende tua salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:14 by Admin